



Vale a pena abrir o capital?

Márcio Veríssimo*

Com tantas empresas abrindo o capital, é natural que muitos empresários se perguntem se valeria a pena eles seguirem esse mesmo caminho.

A primeira coisa para se ter em mente antes de cogitar a abertura de capital é que o custo de capital próprio é mais caro que o de dívida. Uma companhia que não possui dívidas dificilmente está fazendo a melhor opção ao procurar o mercado.

Naturalmente, existe um limite para a alavancagem de uma companhia e se a necessidade de capital for muito grande em relação ao tamanho da própria companhia, aí sim, seria importante buscar a abertura de capital. Por exemplo, algumas companhias que estão vindo ao mercado são pré-operacionais, o que inviabilizaria levantar todo o capital da empresa através de dívidas.

É praticamente desnecessário dizer, mas, se vai ser feita uma captação de recursos, é preciso ter um plano para utilizar esse dinheiro, ponto que tem sido cada vez mais crítico para os investidores porque muitas empresas que fizeram a operação de abertura de capital continuam com o dinheiro captado em caixa.

Outro ponto relevante para uma companhia pensando em abrir o capital é que suas contas terão que ser aprovadas em auditoria. Claro que isso envolve uma questão de processos e rotinas contábeis, mas isso é re-

lativamente simples de resolver — apesar de consumir bastante tempo e trabalho.

Por outro lado, isso quer dizer que a empresa não poderá mais manter “esqueletos no armário” de qualquer tipo, o que é um grande problema para determinadas companhias médias. Desse modo, todo faturamento da empresa deverá ser devidamente contabilizado, todos os impostos deverão ser pagos religiosamente e não poderá haver pendências trabalhistas ou jurídicas relevantes. Para determinados setores que operam fortemente embasados

Se abrir o capital a empresa não poderá mais manter esqueletos no armário e suas contas terão que passar por auditorias

em caixa dois e evasão fiscal, corrigir esses pontos seria o fim de suas operações ou, no mínimo, uma redução drástica de sua rentabilidade. De um modo ou de outro, essas questões podem inviabilizar ou pelo menos atrasar a operação.

Uma questão chave antes da decisão de se tornar uma companhia aberta é para a qual muitos empresários não atentam com a devida importância é a da mudança na gestão da companhia.

Uma vez aberta, a companhia não é mais uma companhia pertencente ao sócio controlador. Como o próprio nome sugere, ele pode continuar a ser o controlador, até pelo seu expertise, mas não é mais o único dono, ele passa

a ter sócios. Uma vez que você tem sócios, não se pode mais administrar a companhia como se fosse uma extensão de sua casa.

Isso quer dizer que decisões de gestão que antes eram tomadas individualmente segundo a lógica do controlador, agora precisam ser submetidas ao escrutínio dos sócios.

Não estamos sequer falando de empresas que mandam o técnico da companhia trocar a lâmpada de casa — esse exemplo mostra uma empresa completamente não profissional e sequer deveria cogitar abrir o capital. Um exemplo que poderia ser considerado legítimo antes da abertura seria o controlador decidir a distribuição de dividendos segundo suas necessidades de caixa. Após a abertura, o critério de distribuição de lucros precisa ficar mais clara e profissional para os demais sócios do que, simplesmente, “quando o controlador precisar de dinheiro”. Esse critério de distribuição de lucros tem que estar ligado às necessidades de investimento da companhia aberta, à sua geração própria de caixa, entre outros fatores.

Em resumo, o controlador passa a ter um sócio — ainda que um sócio sem rosto — com todos os benefícios que isso acarreta, mas também com todos os inconvenientes.

Se o controlador não tem a intenção de compartilhar o controle ou de pelo menos explicar suas ações para o mercado, se ele vai ficar enraivecido sempre que o valor de suas ações cair ou sua estratégia for questionada, é melhor repensar a possibilidade de abrir o capital, pois todas es-

sas coisas fazem parte do dia-a-dia de uma companhia aberta.

Muitas empresas, no entanto, vêem essas obrigações com bons olhos porque acaba sendo uma maneira de se “forçar” a se profissionalizar, muitas vezes substituindo uma gestão familiar por uma estrutura mais formal de decisões, resolvendo pendências legais e tributárias que vinham sendo trazidas por anos a fio, permitindo um acompanhamento mais correto dos resultados e uma gestão de caixa mais eficiente. Assim, além de permitir a abertura de capital, garante que a companhia estará melhor preparada para garantir sua longevidade.

Para as companhias que decidiram seguir por esse caminho, certamente o mercado está bastante receptivo e as perspectivas não poderiam ser melhores.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil
E-mail: ri@gazetamerccantil.com.br

DIVULGAÇÃO EXEMPLAR™ EMPRESAS CERTIFICADAS NET SERVIÇOS

AGENDA DO INVESTIDOR

	Divulgação de resultados	Teleconferências	Reunião com investidores/analistas
Aracruz	9/10	10/10	--
Banco Daycoval	--	--	3/10
Bombril	--	--	5/10
GVT	9/10	10/10	--
Klabin Segall & Eternit	--	--	4/10
Unibanco	--	--	9/10

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br